

Ano II, N. 03

# Coletâneas

do

Nossa

Tempo

Artigo científico:

Ciência e Ideologia

p. 91 a 108

SEPARATA

DIGITALIZADA

ACESSO GRÁTIS

Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Departamento de História  
Campus de Rondonópolis

1998

Ed. 

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca Central/UFMT

Coletâneas do Nosso Tempo/ Departamento de História de Rondonópolis (do) Instituto de Ciências Humanas e Sociais.  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso.  
EdUFMT, vol. 3, n.º 3 (1998) - v.: il.; 16,6 cm

Anual

I. Universidade Federal de Mato Grosso  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Câmpus Universitário de Rondonópolis.

**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS.**

Rodovia Rondonópolis x Guiratinga km. 06.

CEP: 78.735-901 – Rondonópolis/MT – Cx. Postal – 186.

☎ (065) 422-2666 – Ramal 26 – Fax - (065) 422-1240.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.**

Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.

Avenida Fernando Corrêa da Costa, s/n – Coxipó.

CEP: 78.060-900 – Cuiabá/MT – ☎ (065) 615-8324.

Telex: 65-1371/UFMT/Brasil BR/Fax: (065) 615-8322.

Revisão

*Sueli Ferraz Afonso*

Capa:

*Luci Lea Lopes Martins Tesoro*

*Joam Vilela da Siloa*

Editoração Eletrônica: *Lucien Lescano de Souza*

Apoio

*Editora da Universidade Federal de Mato Grosso* (EdUFMT)

Coordenador

*Prof. Germano Aleixo*

Impressão: *Gráfica Universitária/ UFMT*

Gerente: *Pedro Brites*

## SUMÁRIO

### Parte I - Textos de História

Histórico do Centro Pedagógico de Rondonópolis, período de 1976 a 1982 . . . . .	09
<i>Jovam Vilela da Silva</i>	
Memória e patrimônio histórico de Rondonópolis . . . . .	49
<i>Luci Maria Araújo Alves</i>	
Catequistas Franciscanas – 50 anos ajudando a construir Mato Grosso . . . . .	61
<i>Luci Léa Lopes Martins Tesoro</i>	
Ciência e Ideologia . . . . .	91
<i>Paulo Augusto Mário Isaac</i>	

### Parte II - Textos de Educação

A Educação Escolar Brasileira no Período Pós 1964: algumas considerações sobre a precariedade da relação teoria e prática e a oscilação entre conservação e transformação . . . . .	111
<i>Carmem Alice Chavarelli da Silva</i>	

### Parte III - Textos de Geografia

Olhares teóricos sobre as práticas espaciais urbanas e a adequação ao espaço da cidade de Rondonópolis . . . . .	139
<i>Elias da Silva</i>	
Algumas Reflexões sobre o conceito de espaço e de território . . . . .	159
<i>Júlia Adão Bernardes, Tereza Mavignier e Antônio Alves da Silva</i>	
Avaliação dos recursos naturais em relação ao uso e ocupação agrícola na região de Rondonópolis . . . . .	167
<i>Aires José Pereira</i>	
Capacidade de Produção na Bacia Hidrográfica do Rio Arareau . . . . .	215
<i>Mauro Kumpfer Werlang</i>	
Normas Editoriais . . . . .	228

## **CIÊNCIA E IDEOLOGIA <sup>36</sup>**

---

*Paulo Augusto Mário Isaac<sup>37</sup>*

Ao estudar qualquer tema das ciências sociais, uma das questões que mais confundem os estudantes é o termo ideologia.

Este trabalho tem, pois, o objetivo de fornecer alguns elementos para a compreensão do que é ideologia e sua relação com as ciências, segundo três concepções: 1) ideologia enquanto falsa consciência, 2) enquanto concepção de mundo, 3) enquanto superestrutura objetiva da sociedade.

Para realizar este artigo, fez-se um estudo bibliográfico do termo e procurou-se discuti-lo didaticamente, sem, contudo, haver uma preocupação em aprofundar teoricamente o assunto.

Espera-se, com isso, contribuir para que os estudantes possam compreender o termo ideologia e suas implicações de modo a subsidiar os estudos que venham a ser realizados por eles dentro de temáticas, tais como: questão indígena, racismo, questão de gênero, homossexualismo, entre outros.

### **1- IDEOLOGIA ENQUANTO FALSA CONSCIÊNCIA**

Esse conceito é entendido como um complexo de idéias devidamente sistematizado, com pensamento organizado, mas que aparece na consciência dos homens

---

<sup>36</sup> Texto escrito para os estudantes de Sociologia do curso de História da UFMT, Câmpus Universitário de Rondonópolis, 1998.

<sup>37</sup> Mestre em Educação Pública e professor na área de Ciência Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis.

como uma realidade invertida, de ponta cabeça. Essa realidade é apresentada pela classe dominante à classe dominada por meio de um discurso repleto de lacunas e vazios. É essa a interpretação que alguns autores fazem do conceito de ideologia em Marx, que foi denominada ideologia enquanto falsa consciência.

Embora haja críticas sobre esse conceito de ideologia, sua aplicação tem sido importante, sobretudo nos estudos a respeito da *dominação*, porque nos propicia verificar o processo de inversão do real que favorece à classe dominante universalizar, pelo menos temporariamente, a sua verdade, ou seja, os princípios, as representações sociais, imaginárias e da natureza e as relações sociais e de produção que lhes interessam para legitimar sua dominação de classe.

A corrente teórica da ideologia enquanto falsa consciência tem, no Brasil, uma de suas defensoras mais importantes: Marilena Chauí.

Em seu livro "O que é ideologia", ela parte do seguinte pressuposto teórico para definir o termo:

*A ideologia não é sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, que não é pré-conceito nem pré-noção, mas que é um "fato" social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira de produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais [o grifo é da autora] (CHAUI, 1997 : 31).*

A ideologia é, portanto, produto de um determinado modo de produção, de um determinado momento histórico, em uma dada sociedade, e engendra em si as contradições inerentes às relações de produção.

Neste sentido, Marilena Chaui chegou à seguinte definição de ideologia:

*A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e essa representação é sempre necessariamente invertida. O que ocorre, porém, é o seguinte processo: as diferentes classes sociais representam para si mesmas o seu modo de existência tal como é vivido diretamente por elas, de sorte que as representações ou idéias (todas elas invertidas) diferem segundo as classes e segundo as experiências que cada uma delas tem de sua existência nas relações de produção. No entanto, as idéias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as idéias existentes nessa sociedade, mas serão apenas as idéias da classe dominante dessa sociedade nessa época. Ou seja, a maneira pela qual a classe dominante representa a si mesma (sua idéia a respeito de si mesma), representa sua relação com a Natureza, com os demais homens, com a sobrenatureza (deuses), com o Estado, etc., tornar-se-á a maneira pela qual todos os membros da sociedade irão pensar. A ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes (Idem : 92).*

A partir desse ponto de vista, podemos afirmar que a ideologia, sendo um dos instrumentos da dominação de classe, é uma das formas da luta de classes.

### **1.1 - IDEOLOGIA: UM DOS ASPECTOS DA HISTÓRIA**

Em seu trabalho a autora não opõe ideologia e ciência. Considera a ideologia um dos aspectos da história.

Diz a autora:

*a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauraram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas ... Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia (Idem : 20-21).*

Essa abordagem, fundamentada em Marx, considera a história como sendo a única ciência, em que a *história da natureza* e a *história dos homens* se condicionam mutuamente e se fundamentam em uma base real.

Para Marx, a base real da história são

*as forças de produção, capitais, divisão social do trabalho, propriedade, formas sociais de intercâmbio que cada geração encontra como produto da geração precedente e que a atual reproduz e transforma, alterando a forma da luta de classes (MARX & ENGELS, 1989 : 57).*

Neste sentido, a história de que se fala aqui é

*a história do modo real como os homens reais produzem suas condições reais de existência. É história do modo como se reproduzem a si mesmos (pelo consumo direto ou imediato dos*

bens naturais e pela procriação), como produzem e reproduzem suas relações com a natureza (pelo trabalho), do modo como produzem e reproduzem suas relações sociais (pela divisão social do trabalho e pela forma da propriedade, que constituem as formas das relações de produção). É também história do modo como os homens interpretam todas essas relações, seja numa interpretação imaginária, como na ideologia, seja numa interpretação real, pelo conhecimento da história que produziu ou produz tais relações (CHAUI, 1997 : 47).

Como se pode ver, a ideologia é, ao mesmo tempo, um processo histórico e, por ser um dos aspectos da história dos homens, é objeto de estudo dessa ciência.

## 1.2 - O SURGIMENTO DAS IDEOLOGIAS

Nas considerações sobre a ideologia em geral, Marx e Engels determinam o momento do surgimento das ideologias no instante em que *a divisão do trabalho se torna realmente divisão, a partir do momento em que surge uma divisão entre o trabalho material e o espiritual* (MARX & ENGELS, 1989 : 44-45).

Essa divisão social do trabalho não é senão o resultado da divisão da sociedade em proprietários e não-proprietários.

É importante salientar que a clivagem trabalho intelectual-trabalho manual estabelece uma aparente autonomia do trabalho intelectual em relação ao segundo, das idéias em relação a quem as produz, propiciando o ocultamento das relações sociais de produção, da divisão social do trabalho e da luta de classes, favorecendo a dominação de uma classe social sobre outras.

Desse modo, pode se dizer que o alicerce da dominação de uns homens sobre muitos está na desigualdade proporcionada pela apropriação da propriedade, do conhecimento, dos mecanismos de repressão e organização jurídico-política e controle dos instrumentos de difusão da ideologia dominante.

E qual é a função da ideologia nesse processo de dominação? Marilena Chaui diz que

*por ser o instrumento encarregado de ocultar as divisões sociais, a ideologia deve transformar as idéias particulares da classe dominante em idéias universais, válidas igualmente para toda sociedade. A universalidade dessas idéias é abstrata, pois no concreto existem idéias particulares de classe.*

*Por ser uma abstração, a ideologia constrói uma rede imaginária de idéias e de valores que possuem base real (a divisão social), mas de tal modo que essa base seja reconstruída de modo invertido e imaginário. (CHAUI, 1997 : 103-4)*

Como se pode ver, a autora pressupõe que a ideologia é uma abstração da classe dominante, absorvida pela classe dominada que, por sua vez, concebe o mundo a partir de interesses, valores e idéias que não são seus.

A partir desse fenômeno, poder-se-ia explicar por que a classe dominada, mesmo sendo maioria, permite sua subordinação e dominação por uma classe numericamente inferior.

Ao conceber ideologia enquanto falsa consciência, Marilena Chaui se utiliza de alguns termos que precisam ser esclarecidos para melhor compreender a sua teoria. Diz a autora que *a ideologia é uma ilusão, necessária à dominação de classe. Por ilusão entende-se abstração e inversão (Idem, 103).*

Vejam os alguns desses termos:

- a) Abstração é o conhecimento de uma realidade tal como se oferece à nossa experiência imediata, como algo dado, feito e acabado que apenas classificamos, ordenamos e sistematizamos, sem nunca indagar como tal realidade foi concretamente produzida. Uma realidade é concreta porque mediata, isto é, porque produzida por um sistema determinado de condições que se articulam internamente de maneira necessária.
- b) Inversão é tomar o resultado de um processo como se fosse seu começo, tomar os efeitos pelas causas, as conseqüências pelas premissas, o determinado pelo determinante... Porque a Ideologia é ilusão, isto é, abstração e inversão da realidade, ela permanece sempre no plano imediato do aparecer social. Ora, ao falarmos do fetichismo da mercadoria, o aparecer social é o modo de ser do social de ponta cabeça. A aparência social não é algo falso e errado, mas é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens. Isto significa que a Ideologia sempre possui uma base real, só que essa base está de ponta cabeça, é a aparência social. (Idem : 103-4)

Esclarecidos os termos, é importante reafirmar que a ideologia é, segundo Marilena Chauí,

*uma das formas da práxis social: aquela que partindo da experiência imediata dos dados da vida social, constrói abstratamente um sistema de idéias ou representações sobre a realidade.*  
(Idem : 106)

Esses sistemas de idéias ou representações sobre a realidade são aceitos como "verdades"; quer dizer, as "verdades" da classe dominante passam a ser universalmente aceitas.

Apesar dessa "universalização", a ideologia dominante não é absoluta. Se assim fosse, não haveria mudanças e transformações sociais.

Pode se dizer, com isso, que o conceito de ideologia enquanto falsa consciência não é suficiente para explicar a totalidade social.

A ideologia não é algo produzido em laboratório por elementos da classe dominante, que induzem toda a sociedade a pensar o que eles querem. Ela nasce das condições objetivas e subjetivas das relações sociais de produção.

Se, por um lado, pode se afirmar que a ideologia da classe dominante justifica sua hegemonia mantendo oculta a sua espinha dorsal: as relações sociais de produção, a divisão social do trabalho e a luta de classes, por outro, é preciso considerar que a classe dominada não é um agente passivo nas relações sociais.

A luta de classes é uma realidade concreta e sua própria existência já comprova que a ideologia da classe dominante não é absoluta.

## **2 - IDEOLOGIA ENQUANTO CONCEPÇÃO DE MUNDO**

Ao invés de ser uma inversão do real, para Gramsci, ideologia é concebida enquanto concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica e em todas as manifestações das vidas individual e coletiva.

É importante salientar que toda obra de Gramsci se encaminha para a revolução socialista no Ocidente. Por isso, ele fez opção teórica pelo materialismo histórico e centrou seu estudo nos elementos superestruturais.

O conceito mais importante em sua obra é o de Bloco Histórico, composto de infra-estrutura e superestrutura<sup>38</sup>. A ideologia "cimenta" os homens através da infra e da superestrutura.

Para compreender melhor o que é Bloco Histórico, observe o que diz Gisálio Cerqueira Filho:

*O ponto essencial das relações infra-estrutural/superestrutura jurídico-político-ideológica reside no vínculo que realiza tal unidade. Cada um destes níveis possui uma autonomia relativa diante dos demais. Daí se infere que para cada modo de produção existe um tempo e história próprios do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção, das superestruturas políticas, das produções estéticas, ideológicas e científicas. Cada uma destas histórias de per si possui um ritmo próprio de mudança, mas articulado com o ritmo das outras histórias e que pode ser conhecido, determinando-se previamente sua especificidade. Tal autonomia relativa não significa independência, já que cada nível está articulado com o resto, sendo o econômico determinante em última instância. Podemos dizer que é na infra-estrutura econômica de uma formação social que se deve buscar a determinação última dos fenômenos sociais que surgem na superestrutura, mas esta não é puro reflexo daquela. (CERQUEIRA FILHO, 1988 : 20)*

Como se pode ver, nessa abordagem as ideologias têm história, são dotadas de uma estrutura e um funcionamento que lhes dão autonomia no Bloco Histórico.

---

<sup>38</sup> A metáfora do edifício — base (infra-estrutura) e superestrutura — é usada por Marx e Engels para apresentar a idéia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou infra-estrutura) condiciona a existência e as formas do Estado e da consciência social (a superestrutura) (BOTTOMORE, 1993 : 27).

Para Gramsci, no entanto, a Ideologia não é uma unidade indivisível. Ela é composta por três níveis distintos que se articulam entre si, os quais Cerqueira Filho sistematiza da seguinte maneira:

*1º nível: a filosofia — representa a vida intelectual e moral de uma classe social vista historicamente; 2º nível: o senso comum — caracteriza-se por ser uma concepção desagregada, incoerente, inconseqüente em conformidade com a posição social e cultural das multidões; 3º nível: o folclore — é o menos rico e o mais heterogêneo dos fatores culturais, apresentando-se de maneira sedimentada e fixa. (1988 : 19)*

Vê-se, então, que Gramsci tem uma concepção multifacetada de ideologia, uma vez que sua tese demonstra que há uma ideologia dominante e outra da classe dominada, que elas se articulam e que nelas há contradições, porém, a hegemonia de uma não significa a destruição da possibilidade de emancipação da outra. Está implícito que o processo de formação e difusão das ideologias tem como pano de fundo a luta de classes.

Na medida em que as classes sociais antagônicas elaboram suas concepções de mundo, elas revelam para a sociedade em geral quais são os seus interesses, suas formas de ver, ser, estar e organizar o mundo.

A formulação da ideologia, entretanto, não ocorre de forma isolada. Nasce das contradições existentes nas relações sociais e de produção e das experiências vividas pelos agentes sociais envolvidos na luta de classes, em um dado momento histórico, no qual as condições objetivas e subjetivas estão postas.

Para Gramsci:

*Esse momento é o da tomada, por um grupo social, do máximo de consciência possível; mas não ocorre repentinamente, mas antes se desenvolve paulatinamente, de conformidade com as possibilidades estruturais (grau de desenvolvimento da estrutura econômica) e de conformidade com a maturidade do grupo social (compreensão e aproveitamento das possibilidades estruturais) (GRAMSCI, 1974 : 137).*

Além disso, o processo de formação e difusão da ideologia das classes subalternas não ocorre sem conflitos.

A esse respeito diz Cerqueira Filho:

*Por outro lado, tal processo de formação e difusão da ideologia das classes subalternas não é linear nem contínuo, pois é constantemente perturbado pela ação das classes dominantes que, para conservar indefinidamente a hegemonia social, trata de destruir todo o esforço de emancipação das classes subordinadas. (CERQUEIRA FILHO, 1988 : 21)*

O que se verifica, portanto, é que as ideologias estão intimamente articuladas com a luta de classes. Essa é uma luta encarniçada cuja força dos contendores depende do movimento social histórico, da estrutura global de um dado modo de produção em um dado momento, num movimento incessante, em que se criam as bases materiais e espirituais para as mudanças e transformações.

Para Gramsci, o que permite a dominação é a capacidade que as classes sociais possuem para o desenvolvimento de uma visão de mundo de forma clara, coerente e articulada.

Para sistematizar a sua concepção de mundo, as classes sociais possuem seus intelectuais orgânicos que são capazes de difundir e alimentá-la de acordo com seus interesses de classe.

No caso das classes dominadas, seus intelectuais orgânicos são peças fundamentais no processo de emancipação delas, pois são capazes de tirar das classes populares os elementos para fazer a revolução.

Segundo Gramsci, são três os tipos de intelectuais orgânicos: 1º) criadores – que elaboram a concepção de mundo; 2º) organizadores – organizam os canais de difusão da concepção de mundo; 3º) difusores – são os que aplicam a teoria e difundem a concepção de mundo.

Como se percebe, Gramsci nega a idéia de ideologia enquanto falsa consciência e a concebe como algo orgânico, que é a contra-ideologia (contra a ideologia falsa colocada pela classe dominante). Ela é fiada no cotidiano, porque é nele que se fia a teia social.

A sistematização da ideologia de uma determinada classe social, "fiada no cotidiano", é feita pelos seus intelectuais orgânicos. Gramsci infere, com isso, que a ciência não é neutra, sem caráter ideológico. A visão de mundo de todo cientista e o seu nível de engajamento político nortearão sua produção científica, estarão presentes em sua obra, contribuindo para a manutenção da dominação ou para a emancipação da classe dominada (depende a que classe pertence tal intelectual orgânico).

A ideologia orgânica é, dessa forma, aquela que permite às classes tomar o poder. Portanto, segundo essa concepção, é possível tomar o poder através da visão de mundo, sem a violência, ao contrário do pensamento de Marx.

Sendo assim, uma ideologia pode se tornar hegemônica a partir do momento em que ela e sua classe

social se legitimam pela aceitação generalizada das suas relações sociais de produção e visão de mundo.

### 3 - IDEOLOGIA ENQUANTO SUPERESTRUTURA OBJETIVA DA SOCIEDADE

Louis Althusser defende que a ideologia tem uma função estrutural para manter o domínio da classe dominante, e ela existe sempre em um aparelho e nas suas práticas.

Sobre este tema, o autor propôs a mais influente concepção das duas últimas décadas, na qual distinguiu *Ideologia em geral* de *Ideologias específicas*. Na primeira, segundo ele, a ideologia tem a função de assegurar a coesão da sociedade; na segunda, assegurar a dominação de uma classe sobre outra.

Ele afirma, também, que *existem as ideologias dominadas que expressam o protesto das classes exploradas*.

Para Althusser:

*uma teoria das ideologias repousa em última análise na história das formações sociais, e portanto dos modos de produção combinados nas formações sociais, e das lutas de classe que se desenvolvem nelas. Neste sentido, fica claro que não se trata de uma teoria das ideologias em geral, uma vez que as ideologias (...) têm uma história cuja determinação em última instância se encontra evidentemente fora delas, em tudo que lhes concerne. Por outro lado, se eu posso apresentar o projeto de uma teoria da ideologia em geral, e se esta teoria é um dos elementos do qual dependem as teorias das ideologias, isto*

*Implica numa proposição paradoxal que enunciarei nos seguintes termos: a Ideologia não tem história. [o grifo é do autor] (ALTHUSSER, 1985 : 82-83)*

É neste sentido que se afirma que Althusser define Ideologia enquanto superestrutura da sociedade. A partir daí, em seu estudo da estrutura global da sociedade, há outra contribuição importante dele, também em relação à teoria marxista: Althusser acrescentou o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE).

A teoria marxista trata, apenas, dos Aparelhos de Estado (AE), aos quais Althusser deu outra denominação: Aparelhos Repressivos do Estado.

Dessa forma, segundo o citado autor, os aparelhos de Estado são:

- 1) *Aparelho Repressivo do Estado* - compreende o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.

*Consiste em garantir pela força (física ou não) as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de produção. (ALTHUSSER, 1985 : 74)*

- 2) *Aparelho Ideológico do Estado* – compreende o sistema de igrejas, sistema de ensino, sistema de famílias, o jurídico-político (incluindo os partidos), o sindical, o da informação, o cultural, etc.).

Ambos servem para que a classe dominante mantenha a sua hegemonia de classe.

O autor designou AIE: *um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. (ALTHUSSER, 1985 : 68)*

O papel dos Aparelhos Ideológicos do Estado também foi definido por ele.

*Com efeito são estes que garantem, em grande parte, a reprodução mesma das relações de produção, sob o "escudo" do aparelho repressivo do Estado. É neles que se desenvolve o papel da ideologia dominante, a da classe dominante, que detém o poder do Estado. É por intermédio da ideologia dominante que a "harmonia" (por vezes tensa) entre o aparelho repressivo do Estado e os Aparelhos Ideológicos do Estado e entre os diferentes Aparelhos Ideológicos do Estado é assegurada. (Idem : 74)*

No entanto, não são os aparelhos de Estado que produzem as ideologias. Elas existem em uma formação social, e suas origens estão nas classes sociais e na luta de classes. Os AIE são apenas o *locus* da realização da ideologia dominante.

A esse respeito, diz Althusser:

*Se é verdade que os AIE representam a forma pela qual a ideologia da classe dominante deve necessariamente se realizar, e a forma com a qual a ideologia da classe dominada deve necessariamente medir-se e confrontar-se, as ideologias não "nascem" dos AIE mas das classes sociais em luta: de suas condições de existência, de suas práticas, de suas experiências de luta, etc. (Idem : 107)*

Isso significa que a ideologia da classe trabalhadora é antagônica, mas não oposta à da burguesa. A ideologia dominada se desenvolve a partir das contradições existentes nas relações sociais e de produção dominantes, atendendo sua formulação aos seus interesses de classe dominada, desejosa de emancipar-se.

Por outro lado, Althusser não usa essa lógica para a relação ideologia e ciência. Ele as considera como sendo uma oposta à outra.

O autor entende que a Ideologia, em si, está a serviço da classe dominante. A classe dominada se liberta pela ciência, porque através dela rompe-se a coesão social, quando a função da ideologia é justamente assegurá-la.

Sobre como Althusser discute a relação ideologia e ciência, Bottomore faz a seguinte crítica:

*Ele insiste em que a ciência é o oposto absoluto da ideologia, mas, ao mesmo tempo, define a ideologia como um nível objetivo da sociedade que é relativamente autônomo. A dificuldade dessa abordagem está na impossibilidade de conciliar a existência de uma ideologia revolucionária com a afirmação de que toda ideologia sujeita os indivíduos ao sistema dominante. Além disso, é muito difícil conciliar a ideologia como representação errônea oposta à ciência com a ideologia enquanto superestrutura objetiva da sociedade, a menos que a superestrutura encerre apenas distorções ideológicas e a ciência esteja localizada em algum lugar, mas também isso é problemático. (BOTTOMORE, 1993 : 186)*

Em que pese as críticas à teoria, Althusser ampliou os horizontes das ciências sociais a respeito do estudo das ideologias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se pode verificar, Karl Marx não conceituou ideologia. A interpretação de que a ideologia se configura

enquanto falsa consciência é de marxistas que procuraram interpretar a aplicação do termo nas obras de Marx.

Não se pode dizer que algumas das definições aqui apresentadas dão conta de explicar a totalidade, ou que qualquer uma delas esteja definitivamente superada.

Seria um equívoco, também, afirmar que algumas delas são mais ou menos utilizadas nas interpretações atinentes aos objetos das ciências sociais.

É preciso considerar que os estudos de situações sociais e de temas, tais como questão étnica, racismo, questão de gênero, homossexualismo, etc., demonstram a importância de cada uma dessas teorias (ideologia enquanto falsa consciência, enquanto concepção de mundo ou enquanto superestrutura objetiva da sociedade).

Faz-se necessário dizer que essas não são as únicas teorias sobre ideologia. Sequer são as únicas concepções marxistas sobre o tema, pois o próprio Gramsci foi influenciado por Lenin, que já tivera sua concepção acrescida de outros elementos teóricos por Lukács.

Após Louis Althusser, outros teóricos, como Michel Lowy, Lucien Goldmann, Claude Lefort, utilizando seus avanços, criticando suas posições ou partindo de outros referenciais, já introduziram na discussão novos elementos de análise.

Optou-se por esses três teóricos (Chauí, Gramsci e Althusser), porque são os mais utilizados nos meios acadêmicos, e suas teorias servem de âncora referencial para qualquer trabalho sobre o tema.

Através desses autores, constata-se que conceituar ideologia de forma a abarcar toda a complexidade das relações sociais continua sendo, assim como a própria ideologia, um desafio para a inteligência dos homens.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos Ideológicos do Estado*. 4 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAPALBO, Creusa. *Ideologia e educação*. São Paulo: Convívio, 1978.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Análise social da Ideologia*. São Paulo: EPU, 1988.
- CHAÚÍ, Marilena de S. *O que é Ideologia*. 42 ed., São Paulo: Brasiliense, 1997.
- GRAMSCI, Antônio. *Problemas do materialismo histórico*. In: *Obras Escolhidas*. Vol. I. Lisboa: Estampa, 1974.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia alemã (Feuerbach)*. 7 ed., S. Paulo: Hucitec, 1989.
- LOWY, M. *Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 7 ed., São Paulo: Cortez, 1991.
- EVERINO, A. J. *Educação, Ideologia e contra-Ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.
- Agradecimento: Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues e Matilde Araki Crudo.